



CONTRIBUTO DAS CANÇÕES REVOLUCIONÁRIAS NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PATRIÓTICA NAS FORÇAS ARMADAS DE DEFESA DE MOÇAMBIQUE (1964-2022)

Gabriel Fermeiro¹

¹ Coronel, Chefe do Departamento de Pesquisa da Direcção Científica, Academia Militar Marechal Samora Machel

Resumo

Este artigo tem como objectivo compreender o contributo das canções revolucionárias no despertar e na formação da consciência patriótica das Forças Armadas de Defesa de Moçambique no período de 1964 a 2022. O trabalho resulta duma pesquisa de campo em que a entrevista semiestruturada e a observação foram às técnicas usadas na recolha de dados. Na interpretação dos dados recorreu-se técnica de análise de conteúdo. Em termos de resultados conclui-se que as canções revolucionárias foram usadas e adaptadas no contexto histórico para: valorizar a resistência heróica do povo moçambicano contra o colonialismo, servindo de inspiração e encorajamento dos guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique e, mais tarde, como denúncia das agressões dos regimes na Apartheid da África do Sul e racista da Rodésia do Sul contra Moçambique, emancipando o povo e aos militares para o cumprimento dos deveres de defesa da pátria. Outrossim, as canções revolucionárias serviram de instrumento de emancipação e solidariedade dos povos oprimidos da África Austral e do Mundo inteiro. No período em estudo, os comissários políticos foram os principais responsáveis pela produção e difusão das canções revolucionárias. O estudo constatou ainda, que na instituição castrense, assim como noutras, as canções têm uma função multifacetada nos momentos de alegria, angústia e dor.

Palavras-chave: Canção, Consciência patriótica, Combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional e Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

Abstract

This article aims to understand the contribution of revolutionary songs in awakening and forming the patriotic consciousness of the Armed Forces of Mozambique in the period from 1964 to 2022. The work results from field research in which semi-structured interviews and observation were the techniques used in data collection. When interpreting the data, content analysis techniques were used. In terms of results, it is concluded that revolutionary songs were used and adapted in the historical context to: value the heroic resistance of the Mozambican people against colonialism, serving as inspiration and encouragement for the guerrillas of the Mozambique Liberation Front and, later, as denunciation of the aggressions of the Apartheid regimes in South Africa and racist regimes in Southern Rhodesia against Mozambique, emancipating the people and the military to fulfill their duties to defend the homeland. Furthermore, revolutionary songs served as an instrument of emancipation and solidarity for the oppressed peoples of Southern Africa and the entire world. In the period under study, political commissars were mainly responsible for the production and dissemination of revolutionary songs. The study also found that in the military institution, as in others, songs have a multifaceted function in moments of joy, anguish and pain.

Keywords: Song, Patriotic Consciousness, Combatants of the Armed Struggle for National Liberation and Armed Forces for the Defense of Mozambique.

Informações do Artigo

Histórico:

Recepção: 20 de Abril de 2023

Aprovação: 25 de Outubro de 2023

Publicação: 06 de Dezembro de 2023

Contacto  gabriel.fermeiro646@gmail.com



1. Introdução

O presente artigo visa compreender o contributo das canções revolucionárias na instituição militar moçambicana desde a Luta Armada de Libertação Nacional e até aos dias que correm. Foram várias as alternativas usadas na educação patriótica, entre elas, palestras com temas referentes à opressão e à humilhação do povo moçambicano⁸ pelo regime colonial português; o ensino da história e da geografia de Moçambique, para o conhecimento do passado do país, da configuração do seu território e dos recursos de que dispõe uma vez que não se ama e não se defende o que se ignora (Mataruca, 2011). Na educação patriótica destacam-se as canções revolucionárias produzidas durante e depois da guerra de libertação de Moçambique que, invariavelmente, eram cantadas em todas as ocasiões⁹, nas línguas, tanto nacionais e em português, a língua oficial.

O objectivo geral deste artigo é compreender como a canção serviu de elemento mobilizador para a formação da consciência patriótica, de 1964 a 2022. Como objectivos específicos foram formulados os seguintes: (i) identificar a fonte de inspiração dos autores das canções entoadas no seio dos combatentes da guerra de libertação e das FAM/FPLM; (ii) descrever os momentos em que as canções eram entoadas e respectivos motivos, (iii) explicar as descontinuidades vs continuidade de certas canções, no período pós-independência até 2022.

A escolha deste tema deveu-se a três factores, a saber: (i) o facto de o autor ser professor de História ver-se, obrigado a trazer reflexões relacionadas com o devir da pátria moçambicana e. Por outro lado, pela importância que a canção tem como parte integrante da construção da identidade cultural;

⁸ Chibalo, a escravatura, o trabalho forçado, a violação das mulheres e outras atrocidades.

⁹ Durante a preparação político militar, reuniões, nas machambas colectivas, nos intervalos de debates, entre outros momentos.

(ii) Pesou igualmente na escolha do tema, o facto de o autor ser educador cívico – patriótico das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), em geral e, da Academia Militar “Marechal Samora Machel” (AM), em particular. No âmbito académico a realização da pesquisa pode contribuir para a que concorram à formação da consciência do militar e na valorização do legado histórico-cultural intangível das FADM.

O estudo do contributo das canções revolucionárias na formação da consciência patriótica torna-se incontornável, na actualidade, pois há debates nos diversos círculos militares, em torno da continuação ou não das canções revolucionárias ou como introduzir inovações que possam adequar à realidade do momento histórico da instituição castrense, numa altura em que as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) enfrentam novos desafios no contexto nacional e internacional.

Fazendo jus ao parágrafo anterior, nota-se uma clara diferença no seio dos militares, quando se compara ao período das FAM/FPLM e o actual, pois, apesar de instruções superiores sobre a necessidade de os militares continuarem a cantar em todas as suas movimentações, ou em sessões e/ou eventos, particularmente, nos centros de instrução básica e instituições de ensino militar. Por outro lado, reconhecendo-se que as Forças Armadas são “espinha dorsal”¹⁰ da unidade nacional de qualquer país, é importante que os valores culturais do povo moçambicano sejam preservados de diversas formas, usando vários meios, sob pena de se perder a identidade nacional sem, contudo, descurar o dinamismo cultural dos povos.

Dada a implantação nacional e a mobilidade das Forças Armadas, não restam dúvidas de que são estas que difundem com alguma rapidez as manifestações culturais por todo o território, sem custos adicionais pois, na

¹⁰ O autor assim considera porque as FADM incorporam jovens de todas as regiões do país (urbanas e rurais), étnicos com diversas manifestações culturais.



constituição das unidades militares, a unidade nacional é o requisito fundamental. Portanto, esta instituição constitui um dos veículos, se não o principal, de difusão dos valores culturais.

Fazendo o uso da História, pode se lembrar de que os romanos serviram-se das suas legiões para cumprir com o processo de romanização, graças à rede de estradas construídas que facilitavam a movimentação daquelas, dos comerciantes e de outros intervenientes no imperialismo romano (Milazzo, 2009; Carlan, 2008).

Além do exposto, apresentar o contributo das canções revolucionárias pode ajudar aos jovens que, actualmente, ingressam nas Forças Armadas (FA) a compreenderem a necessidade da defesa da pátria, através das diversas mensagens vinculadas pelas canções e, a partir das mesmas, desenharem-se novos desafios para Moçambique e, particularmente, para as FADM.

Se, no passado, devido à colonização e outras formas de sofrimento, o povo moçambicano foi capaz de, através de canções denunciarem todas as práticas nocivas ao ambiente de convivência social, económica, política e cultural, o estudo do contributo das canções pode despertar, no seio dos militares das FA, a necessidade do resgate destas práticas, consolidando a Unidade Nacional na diversidade cultural étnica e política¹¹.

2. Metodologia

Quanto à forma de abordagem do problema, o estudo é qualitativo que segundo Triviños (1987), os participantes são uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo não sendo, em geral,

¹¹ Moçambique é um país multipartidário e os jovens que integram nas FA são filhos de pais com orientação política diversificada e, por vezes, a orientação política tem sido parte da educação familiar o que pode contribuir para um relacionamento hostil entre jovens com ideias políticas opostas, apesar das FA serem apartidárias.

a preocupação dela a quantificação da amostragem.

Para a elaboração deste estudo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com militares no activo e na reserva, docentes e cadetes da Academia Militar “Marechal Samora Machel” para aferir a percepção sobre o contributo das canções revolucionárias na formação da consciência patriótica. Na versão de Alves (2014), o roteiro pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto. Na base desta técnica foi possível reconstituir o uso da canção na formação da consciência patriótica. De igual modo, recorreu-se à pesquisa bibliográfica entre obras publicadas e inéditas que versam sobre a canção e sua importância para a formação da consciência patriótica, sobretudo dos militares das Forças Armadas, tanto nacionais como de outras partes do mundo.

A outra técnica a que o autor recorreu na produção do artigo foi a observação não participante que segundo Lima (2008) é indicada quando o pesquisador considera que o êxito na colecta de dados depende de sua capacidade de resguardar sua identidade, assumindo uma postura de simples espectador dos eventos observados ou do quotidiano de um grupo. Esta técnica serviu para fazer uma comparação do uso das canções no período nos diversos momentos em estudo já que se constata segundo depoimentos dos oficiais afectos na Academia Militar e que pertenceram as FAM/FPLM, que os cadetes da AM não acatam a instrução de cantarem aquelas canções que promovem a consciência e elevação do sentimento de pertença a nação moçambicana.

O autor tem observado, no dia-a-dia, os movimentos dos cadetes da AM, em cumprimento da ordem do dia, tanto na ida como no regresso das aulas, bem como o comportamento destes nas reuniões e/ou palestras que são ministradas ao longo da sua



estadia na nesta instituição de ensino militar. Através da observação foi possível fazer uma breve análise comparativa do período entre de 1964 a 1990, com o vigente.

Os participantes foram seleccionados a partir do universo constituído militares afectos ou em formação na AM e os combatentes da Luta de Libertação Nacional e os da defesa de soberania identificados nos arredores da Academia Militar, sobretudo aqueles que foram comissários políticos. De referir que a escolha foi intencional, pois, se acredita que aqueles grupos de militares, tanto no activo como na reserva estão em melhores condições de prestar dados sobre a matéria em estudo.

A amostra intencional é aquela que segundo Triviños (1987) ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas). Sintetizando, foram envolvidos como participantes oficiais e cadetes da AM, Combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional, do período pós-independência nacional, em 1975. Dada a actual fase, a multipartidária, em que há pluralidade de ideias na sociedade moçambicana, e, considerando que as canções revolucionárias foram concebidas, na sua maioria, no período monopartidário, por vezes, confundindo-se com assuntos partidários, o autor achou por bem manter no anónimo os seus entrevistados. Assim, foram estabelecidos os seguintes códigos: Combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional (CLALN), Militares das FAM/FPLM (MFAM), Oficiais afectos na AM (OF) e Cadetes (Cad).

O artigo está dividido em três partes, para além da introdução, a conclusão, as referências bibliográficas e sugestões, a saber: (i) enquadramento conceptual dos principais termos, (ii) breve evolução histórica da canção na instituição militar: das origens à actualidade, e (iii) a canção como meio didáctico e de consciencialização dos militares da FADM.

3. Enquadramento conceptual dos principais termos

Em função das normas de pesquisa científica, todo o trabalho começa por uma revisão bibliográfica para se apurar o estado de arte, ou, melhor, fazer uma busca sistemática do que já foi escrito, publicado ou não, sobre o assunto que se pretende investigar. Este procedimento inclui a definição dos principais termos. Neste sentido, vai ser feita uma breve conceituação de alguns destes termos, como canção, música, formação, consciência e patriótica.

Para a Academia de Ciências de Lisboa (ACL, 2001), canção deriva do latim *cantio*. No sentido literário, canção é “composição poética, de fundo lírico, dividida em cópulas, geralmente com refrão, própria para ser cantada” (p. 661). O presente artigo aborda de modo particular, a canção inserida no seio das forças armadas, a canção de combate. Em concordância com o mesmo autor, canção de combate é aquela cuja letra manifesta uma tomada de posição política, uma atitude de luta contra uma ideologia ou um sistema.

A Luta de Libertação Nacional conduzida pelos combatentes da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) era um projecto patriótico de sociedade e as canções que embalavam, mobilizavam os protagonistas dessa saga libertária não eram quaisquer, propunham mudar, profundamente, o estado das coisas em Moçambique. Daí que se considera a adjetivações revolucionárias, porque a revolução é uma “reviravolta, uma alteração radical e profunda de uma sociedade em sua estrutura política, económica, social, cultural, religiosa, geralmente, por meios violentos e de forma súbita, representando um confronto entre uma ordem anterior e um novo projecto político-social” (Japiassú & Marcondes, 2001, p. 167).

Ao desencadear a Luta Armada de Libertação Nacional, a FRELIMO não propunha a continuidade do *status quo ante*, trazia uma proposta de sociedade diferente da edificada pelas autoridades coloniais, uma sociedade com novos valores, valores apresentados pelas canções que animavam a



marcha dos combatentes com o povo que lhes dava legitimidade de lutar e que apoia essa luta como a água que mantém vivo o peixe.

Os valores cultivados na isntituição militar moçambicana soa entre outros, a unidade nacional, o patriotismo, a coragem, servir e respeitar o povo, a liberdade, a emancipação da mulher, o espírito de sacrifício, a solidariedade para com as lutas dos povos oprimidos do Mundo e outros.

Apesar de o autor fazer referência às posições tomadas contra as ideologias e/ou sistemas políticos, a canção também pode ser usada para manifestação contra outras formas de crise, como epidemias, guerras ou referir-se a momentos de alegria e de dor ou sofrimento.

Analizando o teor ou as letras das canções revolucionárias, na instituição castrense moçambicana, percebe-se que foram produzidas no tempo colonial, sobretudo, durante a LALN, contestando o regime em vigor, por um lado, e, por outro, mobilizando ou encorajando a participação de todos os povos oprimidos no processo da luta.

Já, no período posterior à independência nacional, que inclui a guerra dos 16 anos, foram introduzidas novas canções que se juntaram às anteriores. Se as canções produzidas, no tempo colonial pelos moçambicanos tinham como essência a denúncia do sistema colonial português, assim como, a valorização das tentativas e das iniciativas de resistências contra aquele regime, as que surgem no período posterior à independência nacional, visavam o seguinte: reafirmar a soberania alcançada em 1975, mobilizar e encorajar para novas frentes de combate, que nem sempre se traduziram no uso da força militar, mas sim, contra a pobreza, a nudez e a miséria, bem como, a solidariedade para com as lutas dos povos ainda oprimidos do Mundo.

Dado o conceito de canção, importa também definir-se a consciência patriótica. Assim, para a ACL (2001), consciência, deriva do latim que é o “conhecimento que se tem da própria existência; noção que a pessoa tem do que se passa, através da interpretação das

informações fornecidas pelos sentidos” (p. 928). Este conceito pode servir no contexto deste trabalho, pois deste se extrai aquilo que os homens integrantes da LALN desejavam: a libertação da terra e dos homens.

Uma vez o fulcro do trabalho é compreender o processo de formação da consciência patriótica através das canções revolucionárias, no seio das FA, faz sentido definir a palavra formação. Conforma a ACL (2001) formação é “processo de adquirir forma, configuração; acto” ou “efeito de formar ou de se formar”, ou, ainda, a “acção de transmitir conhecimentos, valores ou normas, de instruir ou promover” (p. 1793).

Para o caso em apreço, interessa sobremaneira o último conceito, ou melhor, transmissão de conhecimentos, de valores e de normas, de instruir ou promover. Esta visão enquadra-se melhor que os anteriores porque se está perante o acto de inculcar os valores do povo e da necessidade de contemplação da pátria como uma unidade que podia ajudar aos militares das FA a repor a sua identidade “roubada” ou alienada e destorcida ao longo do período de dominação.

Importa, na presente abordagem conceptual, incluir o conceito de pátria, pois, a partir desta, define-se o termo patriotismo. Não restam dúvidas que estes dois termos já foram, amplamente, conceituados em vários dicionários e obras, entre publicados e inéditos. Para o caso concreto, foi-se buscar o conceito de Figueiredo (1913), ACL (2001) e do Ministério de Defesa Nacional (MDN, 2009).

Quanto ao termo “pátria”, Figueiredo (1913) defende que é “país em que nascemos” ou “qualquer terra ou localidade, em que nascemos” (p.1511). De igual modo, pátria, na versão da ACL (2001), deriva do latim *pátria* que significa “país do qual se é cidadão por se ter nascido ou vivido lá vários anos; nação em relação a qual existe um sentimento de pertença ou uma inclinação sentimental” (p. 2783).

Com base no conceito de pátria, pode-se definir o patriotismo. Retomando ao Figueiredo (1913), patriotismo é “qualidade de quem é patriota” ou “amor à pátria” (p. 1512).



Enquanto isso, a ACL (2001) entende o termo patriotismo não só como “qualidade de quem é patriota”, mas também como sendo o “sentimento de amor à pátria que se traduz em actos de defesa ou enaltecimento” (p. 2784). Por sua vez, o Ministério de Defesa Nacional (MDN, 2009) definiu patriotismo como sendo “(...) o amor da Pátria, (...) ou sentimento que se concretiza na prestação real de serviços à comunidade, sobretudo, na obediência ao governo legalmente constituído, e na colaboração da defesa da Pátria quando ela necessita do cidadão” (p. 10).

No contexto deste artigo, ter-se-á em conta o conceito dado pelo MDN, uma vez que, é muito mais abrangente e se enquadra melhor no propósito do artigo, que é compreender o contributo da formação da consciência patriótica dos militares das FAM/FPLM, desde o início da LALN até a introdução do multipartidarismo em Moçambique.

4. Evolução histórica da canção e o seu lugar na instituição militar

A canção militar é um alimento para o espírito militar e estimulador da alma do soldado (Correia, 1921 cit. em Passos, 2018).

A canção faz parte da vida do Homem desde os tempos remotos da sua história, melhor dizendo, a canção faz parte da cultura humana. Tanto na vida religiosa, como na vertente política, económica, cultural e social, a canção tem sido mobilizada para descrever cada momento em que se atravessa e/ou justificar o porquê das coisas, podendo ser de alegria ou de tristeza.

Invariavelmente, presenciou-se, no passado e continua no presente, em comunidades a se cantar como forma de expressar o sofrimento e a dor, em tempo de desgraças de diversa ordem (mortes, secas, cheias e outras calamidades).

Na história militar, há relatos que testemunham guerreiros obrigados a cantar em reconhecimento dos seus heróis e buscar inspiração naqueles. Exemplos não faltam: os

jovens espartanos educados para a guerra a partir dos setes anos já marchavam cantando (Mattoso e Henriques, 1973).

Napoleão Bonaparte, no seu sangrento expansionismo, talvez um dos mais mortais do início da Idade Contemporânea, fazia menção especial para as músicas no seio dos militares ao ponto de afirmar o seguinte: ponha uma banda de música na praça e o povo a seguirá para a festa ou para a guerra (Passos, 2018).

No continente africano, também não faltam exemplos. Na revolução militar efectuada pelo sanguinário Tchaca Zulu, no território sul africanos e arredores, Ki-Zerbo (1972) afirma que: (...) os regimentos (*impis*) eram compostos, cada um deles, de um milhar de homens ou mulheres mais ou menos da mesma idade. (...). Cada regimento tem seu uniforme e traz um sinal distintivo: bandas de cores diversas na fronte, (...). Cada regimento tem o seu grito de guerra (p. 7). Havendo necessidade de mobilizar, consciencializar e elevar o sentimento patriótico do povo e dos militares, as canções de cariz patriótico são incrementadas nas corporações militares. Como aponta o autor acima, nos primórdios do Século XVIII, os compositores começaram a criar temas militares e patrióticos. A partir de 1750, as bandas passaram a ter estruturas definidas e organizadas dentro das unidades e a realizar apresentações em praças públicas (Ki-Zerbo, 1972).

Quanto ao território moçambicano, autores como Serra (1982) apontam relatos de cânticos nas hostes militares, desde os mais remotos guerreiros da luta de resistência anticolonial.

(...) na província de Nampula, mas particularmente em Angoche, antecedia qualquer peleja uma cerimónia (...). Depois de se terem lavado, os guerreiros executavam pequenas incisões na testa, nos braços e no peito, nas quais o «chamuila» (curandeiro de guerra) colocava um cautério leve (...).

Executada a cerimónia e colocadas as identificações (...), realizava-se o grande batuque propiciador, onde os cantos corais e os movimentos atingiam grande efeito, (...) (Serra, 1982, p.59).



Cenário idêntico verificou-se entre os guerreiros do sul de Moçambique, no tempo das resistências anticolonial. Junod (1934, cit. em Serra, 1982) afirma que:

(...) Feita a mobilização para a guerra através de sopro no ch'palapala, os guerreiros afluíam rapidamente à povoação do chefe, onde formavam em círculo (...) nos respectivos batalhões. (...) Depois de executadas as cerimónias de motivação (canções de luta, danças e recepção da medicina de guerra), os guerreiros partiam para o combate (p.88).

O Combatente de Luta da Libertação Nacional um (CLALN 1) que trabalhou no Comissariado Político até 1994, ano que passou a disponibilidade, defende que era prática dos guerreiros dos reinos e mais tarde no seio da guerrilha da FRELIMO, cantar envocando os espíritos dos antepassados como forma de inspiração para o dever de libertar o reino ou nação.

Corroborando, o CLALN 3 sublinhou, respondendo sobre a importância das canções revolucionárias nas hostes dos CLALN, que as canções de índole patriótico eram cantadas de forma obrigatória em todas as bases/unidades militares para desenvolver no seio dos militares o espírito guerreiro, coragem e bravura. Este combatente lembrou ainda que não se estranhe que mesmo depois da guerra de libertação os militares tenham continuado a cantar, pois passou a ser cultura desta instituição cantar para valorizar o passado guerreiro dos seus antecessores.

Na perspectiva do Oficial um (OF1), um dos educadores cívico da AM, espera-se que com as canções revolucionárias os jovens recrutas encontrem o verdadeiro engajamento nas fileiras militares, a devoção e o amor pela pátria moçambicana, pois estas, assim como a poesia, a dança e outras formas de expressão cultural engendram os mais respeitados ideais e valores e a identidade dos moçambicanos.

Mao Tse Tung já defendia o princípio referido pelo oficial acima dizendo “um exército sem cultura é um exército ignorante e um exército ignorante não pode vencer o inimigo” (Mao Tse Tung, 1944 cit. em FRELIMO, s/d, p,77).

Como se pode depreender, o acto de cantar entre guerrilheiros e mais tarde forças regulares remonta da antiguidade, ou melhor, não se trata duma invenção da actualidade e das autoridades militares moçambicanas. As canções existiram desde há muito como expressão máxima de diversos sentimentos e de mobilização de coragem e bravura.

5. As canções revolucionárias e o seu uso didáctico na formação da consciência patriótica nas Forças Armadas de Moçambique

Ao se cantar, cumpre-se uma função dupla: ora se ensina os bons exemplos que devem ser seguidos pelas comunidades, neste caso os militares, principalmente a camada de formação como é o caso da AM, e, em simultâneo a ajuda à formação da consciência do indivíduo, ou melhor, a tomar decisão do que pode fazer para contribuir para a sua sociedade. Machel cit. em Morais (2022) defende que através da dança e dos músicos eles mostram o nosso passado, segredo da força que quebrou as algemas, o tribalismo, o regionalismo e o racismo e mostram o internacionalismo, a solidariedade e, sobretudo, a unidade do Povo moçambicano.

Conforme salientam Guilard e Costa (2018), o ânimo e a motivação aumentam quando se entoa as canções, além de que a letra possui grande importância no processo de formação e preparação física. O autor conclui dizendo que as canções militares são um recurso didáctico muito importante para a formação do policial militar, na construção de valores e na melhoria do desempenho físico dos alunos durante o curso.

Do mesmo modo, o CLALN2, defendeu que as canções são, didacticamente, usadas muito mais na instrução básica, pois têm como finalidade inculcar no seio dos futuros militares o espírito guerreiro e o fervor da defesa da pátria.

Os cânticos estão presentes em todas as formas de manifestações dos povos, por via disso, os militares não seriam exceção. Cantando ajuda a esquecer das distâncias que,



por vezes, separam estes com os seus parentes que, muitas das vezes, estão a centenas e até milhares de km.

Mas muito mais que isso, as canções forjam a unidade entre os povos, neste caso concreto, entre os militares uma vez que parte destas reporta o sofrimento comum e, de igual modo, fazem lembrar aspectos de laços de irmandade entre homens de culturas diferentes.

OF1, chamado a abordar sobre o papel das canções na formação da consciência nacional/patriótica começou por cantar em uma das línguas do sul de Moçambique dizendo que os moçambicanos são iguais não havendo tonga, sena, changana, makwa nem Nianja, mas sim apenas moçambicanos.

Na verdade, Machel (1974) defende que os moçambicanos que se juntaram a FRELIMO na guerra de libertação nacional engajaram-se como chuabo, nhumgwe, shona, changana ou outra etnia, mas todos saíram de lá, simplesmente, moçambicanos. Portanto, a luta de libertação foi entendida também como uma luta pela libertação cultural, de inculcação de novos valores; nisso, a música com conteúdo revolucionário teve um papel fundamental na mobilização dos combatentes (Siliya 1996).

Eliot (1953, cit. em Passos, 2018) afirma que as canções e as palavras que as acompanham podem parecer muito afastadas do heroísmo ou da devoção, mas o seu poder mágico e estimulante pode levar a alma dos homens a compreender certas verdades de que suas mentes duvidariam. Mais do que isto, ninguém pode dizer ao certo, onde vive a alma do batalhão, mas a expressão dessa alma é, na maioria das vezes, localizada na banda.

É na esteira do pensamento do autor acima, que Alves (2013) afirma que é na essência das canções e para lá do fatalismo tradicional que as caracteriza, encontramos a esperança na Revolução. E o tempo e as coisas passadas ganham nova dimensão, encontrando os caminhos da África e do Mundo.

Na versão de Castro (2012), “ser Força Armada significa ser instituição nacional permanente e regular, (...) As Forças Armadas perpetuam-se e dedicam-se de corpo e alma à

Nação, (...)” (p. 5). Este pensamento é corroborado por Ramalho (2012) que relata:

O Exército, como instituição nacional cuja existência está indissociavelmente ligada à fundação e à preservação da nacionalidade, além de cumprir as tarefas relativas à sua tradição e do diversificado património histórico-cultural que enformam o seu passado, os valores do patriotismo, da honra e do dever, moldam o carácter dos seus soldados e a condição militar traduzida na total dedicação à Pátria (...) (p. 2).

Para que o militar se dedique de corpo e alma à nação e à pátria, como defendem os autores acima é, inevitavelmente, necessária uma educação perene incidindo sobre os valores da pátria e a necessidade da sua preservação.

A canção, didacticamente, é recorrida para a transmissão de conhecimento, sobretudo do passado histórico dos povos. Aos combatentes da FRELIMO, mais tarde FAM/FPLM, era preciso dar a conhecer as causas da luta que se previa durar muito tempo.

Entre várias canções de índole revolucionária/patriótico, o OF3 destacou algumas que no seu entender mais lhe tocaram a alma quando são cantadas:

“Explorados Moçambicanos trabalhavam sem parar.

Ganhavam muito mal e dormiam sem comer.

A criança a chorar e a mãe a lamentar

Quem pode esquecer o que passou?

Não vamos.

Não vamos esquecer o tempo que passou

Quem pode esquecer o que passou

O pai de cinco filhos chamados oh rapaz e o

fascista de 15 anos chamado oh Senhor

Quem pode esquecer o que passou?

A mãe de cinco filhos chamada rapariga

O fascista de 15 anos chamado Oh Senhor

Quem pode esquecer o que passou.”

Do mesmo modo o OF3 cantou durante a entrevista a seguinte canção.

“Vinte cinco de Setembro é o dia do começo da Luta Armada do Povo moçambicano.

Viva viva Moçambique.

Viva viva FRELIMO que lutou pela liberdade do povo moçambicano.”

No entender do autor, a primeira canção faz lembrar a todo o povo moçambicano que o



sofrimento comum que teve diante da presença colonial portuguesa. Esta canção convida a este povo a unir-se pela mesma causa, a luta pela liberdade. Enquanto a segunda refere ao dia em que os moçambicanos representados pelos primeiros 250 homens¹² iniciaram a Luta Armada em 25 de Setembro de 1964 (Mazula 1985, Mondlane, 1995, Cabaço, 2007, Matusse, 2015). Estas canções fazem parte de tantas outras com as quais os moçambicanos lembram o seu passado histórico de opressão. Afinal de todos se faz uma nação (Monteiro, 2012).

Importa lembrar que o reconhecimento dos feitos dos que combateram pela independência nacional e mais tarde se entregou pela defesa da soberania nacional, não era só feito pelas canções, mas também pela poesia, dança teatro, cinema e palestras, sobretudo nas vésperas dos feriados nacionais e datas comemorativas.

As canções tanto na Luta Arnada como na defesa de soberania, também visavam a dissuasão ao inimigo, ou melhor, os traidores ou infiltrados nas fileiras como por exemplo, a canção que o CLALN1 cantou quando lhe foi solicitado.

*“Capriconi njenjera hondo iripo
Irupo iripo
Aaaahye iripo aaahye iripo
Irupo iripo
Salazar njelnera hondo iripo.”*

Esta canção cantada em sena¹³, na verdade, apelava ao sistema colonial português, sobretudo, os seus dirigentes e lacaios, como os traidores durante a Luta Armada para que se acautelassem, pois a guerra estava ainda pela frente.

Como se pode perceber as canções revolucionárias durante a luta de libertação tinham como objectivo fundamental mobilizar

¹² Na fase de preparação da Luta Armada de Libertação foram enviados, sucessivamente, para treinos militares na Argélia três grupos que vieram a constituir os primeiros homens guerrilheiros da FRELIMO num total de 250.

¹³ Língua falada por povos do vale do Zambeze abrangendo as províncias de Tete, Manica, Zambézia e Sofala centro de Moçambique.

os combatentes da FRELIMO e os demais engajados na luta a unir o esforço para o sucesso.

A partir de 1975, ano da proclamação da independência de Moçambique, em concordância com o OF3, surgiram novas canções que visavam glorificar as conquistas do povo moçambicano e a denúncia dos novos inimigos.

Na verdade, surgiram várias frentes para o povo moçambicano que se resumiam na guerra dos 16 anos, a miséria, a fome, e a nudez, aliás, estas três últimas traduziram-se na luta contra o subdesenvolvimento que deveria ser vencida na década de 1980 (Frelimo, 1979). Uma das canções amplamente difundida, na altura, foi a que se segue:

*“Iniciemos a década oitenta
Moçambicanos a luta contínua
Venceremos o analfabetismo,
É a FRELIMO guia do nosso povo”*

Por outro lado, África do Sul e com extensão para Namíbia vigorava o regime do Apartheid e na Rodesia do Sul, hoje Zimbabwe havia sido implantado o racismo semeando luto, dor e sofrimento no solo não só naqueles territórios, mas também no solo.

Os pontos mais altos dos ataques daqueles regimes ao território nacional foram os ataques do dia 3 de Março de 1976 quando as forças rodesianas violaram a fronteira moçambicana com aquele país e massacraram muitos zimbabweanos em Inhazónia, província de Manica (CLALN1) e a 30 Março de 1981, um comando boer proveniente das terras sul-africanas invadiu a fronteira sul de Moçambique destruindo, posteriormente, um centro que acomodava refugiados daquele país pertencentes ao *African National Congress* (ANC).

Para a memória dos que tombaram em repúdio a aqueles actos macabros e desumanos foram constituídas algumas canções, podendo-se destacar, as seguintes, segundo o OF2 e 4:

1. Inhazónia Inhazónia
2. Que venha.

Com a independência de Moçambique, os



povos da Rodesia, Namíbia, Timor-Leste e Nicarágua, só para citar alguns, buscaram refúgio neste território. Os Moçambicanos saíram em mais uma missão internacional - o internacionalismo. Tratou-se duma nova era da história do povo moçambicano e dos militares das FAM/FPLM. Em relação a esta matéria, o OF1 e 3 lembraram-se da seguinte canção.

*“Namibia
Namibia não chora
Zimbabwe
Zimbabwe não chora
O povo moçambicano está ao teu lado para vencer
o teu inimigo.”*

Mesmo depois do Acordo Geral de Paz, de 1992, e tendo havido alguns confrontos militares em Memba e Angoche, na província de Nampula, Maganja da Costa e Lugela estas duas últimas zonas, localizadas na província da Zambézia, houve tempo para o surgimento de canções para a tender a este novo cenário.

Uma das canções foi cantada, amplamente, pelos cadetes da extinta Escola Militar nos seguintes termos:

*“Foi na Itália
Foi na Italia, cidade de Roma onde a Frelimo
assinou acordo com a Renamo.
É muito triste...
É muito triste, Afonso Dlakhana, ele viola acordo
de paz.”*

Esta canção era, frequentemente, cantada em momento de marcha de deslocamento de e para o Terceiro Acampamento da AM no período das aulas (OF2).

Como se pode notar, cada momento histórico e seus desafios eram fontes de inspiração das canções que ajudavam aos militares e outros envolvidos para o seu engajamento na luta contra o inimigo.

Tanto a literatura como os participantes convergiram em afirmar que as canções serviram de um escape para repudiar ou glorificar factos desagradáveis ou de satisfação, afinal cada sociedade produz os homens e as identidades que deseja em devido momento histórico.

Neste contexto, os CLALN, assim como os

militares das FAM/FPLM serviram da canção para fortificar as suas acções nas diversas frentes em que foram envolvidas em prol da defesa dos interesses do povo moçambicano e da região da África Austral.

6. Canções revolucionárias nas FADM: ruptura com o passado ou inovação em função de novos cenários?

Se durante o período posterior a independência nacional até 1990¹⁴ muitas das canções assim como o acto de cantar foram mantidas no seio das FAM/FPLM, o mesmo não aconteceu ao período que se seguiu a assinatura do AGP, em 1992.

O OF4, respondendo a questão relacionada com a situação ocorrida no seio da instituição militar depois do Acordo Geral de Paz e consequente fusão entre as FAM/FPLM com os guerrilheiros da Renamo, referiu que a educação política / patriótica e todas as formas de manifestação e os cadetes, assim como os militares que foram submetidos a cursos de adequação na Escola Militar deixaram de cantar.

Tendo sido constatado que parte dos valores e da identidade moçambicana estava ruindo devido ao surgimento de certo comportamento e atitudes nocivas ao povo moçambicano foi introduzida a Educação Cívico-Patriótica nas FADM através do Decreto 41/2011, de 2 de Setembro, com a responsabilidade desta ser encarregue ao Departamento de Doutrina do Estado-Maior General das FADM¹⁵, como se pode ler nos números 2 do artigo 16, alíneas e) e k) do referido decreto.

O OF2 descreveu o período da aprovação do decreto como o momento de nova viragem na instituição militar, uma vez que foi na base

¹⁴ Trata-se dos períodos em que se introduziu o multipartidarismo e consequente assinatura de Acordo Geral de Paz em 1992 cujo cumulo foi à unificação das FAM/FPLM com os guerrilheiros da RENAMO dando as actuais FADM.

¹⁵ Actualmente chama-se Departamento de Educação Cívico-Patriótica do Estado Maior General das FADM.



deste decreto que as unidades militares retomam as actividades culturais reforçando a prática do desporto que era quase o único divertimento que os militares, desde 1994, vinham praticando nos tempos livres¹⁶.

Para a implementação deste instrumento, inciou-se com o processo de formação de educadores cívico-patrióticos na Moamba, mais tarde em Boane e, finalmente, em Chimoio. Na mesma senda, em 2013, teve lugar o IV Festival Desportivo e Cultural das FADM, na cidade de Chomio, de 21 – 25 de Setembro.

O período de preparação para este grande evento das FADM foi um grande desafio para a AM uma vez que se esperava desta instituição de ensino superior militar uma participação a dobrar pelo facto de ser aquela que congrega mais jovens provenientes de todo o país.

Não havia experiência colectiva no seio dos cadetes da AM no que conserne à participação num evento igual, por um lado e, por outro lado, a cultura de cantar e de dançar não era prática comum nesta instituição de ensino militar superior.

O OF4, um dos comandantes de companhia de cadetes 2012 e 2014, descereveu que quando foi dada a ordem de ensaiar os cadetes em vários números culturais para representarem a AM no festival em Chimoio, foi como um balde de água fria para todos. Não se sabia por onde iniciar e com que começar, pois não havia registo anteriores do evento igual em que entre os visados teriam feito parte.

Figura 1: Grupo Coral da AM num dos saraus culturais



Fonte: Imprensa da AM, 2013

O OF5 que dirigiu a área cultural na AM referiu que não tinha mínima ideia por onde devia iniciar. A vontade e a necessidade de cumprir as orientações superiores, certamente existiam, mas o desafio era enorme. – Competir, por exemplo, com outras unidades militares das FADM que lá estariam presentes. Na verdade, entre 1994 e 2010 as actividades culturais (cantos corais, danças, poesias, teatros e filmes colectivos) já não eram constantes como no período da Luta Armada até 1994.

Como se pode ver, o reinício da Educação Cívico-Patriótica nas FADM foi desafiado por um evento que colocaria as FADM no plano nacional no que diz respeito as actividades culturais, neste caso, o canto coral, dança, teatro e a poesia depois de longos anos ausente.

O comando de base dos cadetes da AM, naquela altura, era constituído por oficiais subalternos formados num período em que durante as marchas ou deslocações em grupo não se cantava, no entanto, são desafiados a mobilizar os seus subordinados a marchar cantando de e para a salas de aula e a participarem dos ensaios para o festival, sem uma vivência do facto. Portanto, era novidade tanto para o comandante e assim como para o comandado.

Lendo os caminhos seguidos para a participação da AM naquele festival pode - se afirmar que foi uma imersão a um cenário desconhecido, mas que valeu pela existência de jovens que vieram de algumas associações

¹⁶ De acordo com a ordem do dia, as tardes das sextas-feiras eram reservadas para o desporto.



culturais, e em congregações religiosas cuja prática é constante (OF1).

A respeito desta matéria, OF6 que participou na escrita da letra do hino com o qual AM concorreu para o festival, apontou o facto de ter sido um membro do grupo coral dum a igreja protestante antes de fazer parte do corpo de cadetes da AM.

Nas palavras deste oficial, cantar marchando ou em reuniões foi um exercício difícil de introduzir porque parte dos cadetes não se identificavam com o tipo das canções que eram apresentadas, pois mergulhados no espírito da modernidade e influenciados pela globalização não veem com “bons olhos” cantar em línguas nacionais em algumas das quais nem entendem o significado.

Por outro lado, num período multipartidário há um entendimento, no seio de alguns moçambicanos, de que cantar significa voltar ao passado socialista que foi experimentado na condução dos destinos do país.

Entre as diversas canções revolucionárias cantadas desde o tempo da luta de libertação até 1990, ano da introdução multipartidarismo, algumas já não fazem sentido ser mantidas entre os militares, uma vez que as FADM são apartidárias.

Em concordância com Mataruca (2011), na vida, deve existir o justo equilíbrio entre aquilo que se herda e o que deve ser inovado, porque a existência humana não é um simples amontoado de repetições. Do mesmo modo que nos preocupamos em conhecer e valorizar o nosso passado e as tradições a que fomos legados pelos nossos antepassados, devemos fazer o esforço de adequar a nossa vida às exigências de cada fase. (...). As novas gerações devem ser educadas nos valores culturais que ainda se adequam ao desenvolvimento da sociedade e à dinâmica da inserção do país no mundo global (pp.28-9).

Questionados sobre a vantagem das canções durante as marchas e reuniões nas fileiras militares, sobretudo entre os cadetes da AM, o Cadete 1 e 3 (Cad1 e 2) afirmaram que cantando os valores e a identidade do povo são reconsiderados e respeitados apesar do reportório existir uma esmagadora minoria de

canções do tempo de Libertação e da guerra dos 16 anos.

Figura 2: Cadetes em marcha e cantando em direcção a sala de aula



Fonte: colecção do autor, 2023

O Cad 2 chamado a abordar sobre o seu pensamento em relação as canções revolucionárias defendeu que elas são muito importantes para a fortificação da unidade nacional e defesa das conquistas do povo moçambicano conseguidas com muito sacrifício. Segundo o cadete, há que ajustar em função dos novos desafios que estão pela frente das FADM, como o combate ao terrorismo, às pandemias, as guerras cibernéticas, o analfabetismo e a pobreza que ainda afectam parte do povo moçambicano.

Um dos exemplos que se considerar em relação adequação das canções em função das épocas e contextos históricos é a canção revolucionária que, dado ao teor foi produzido depois da independência nacional cujo título é “Que belo és tu Moçambique”.



Numa das passagens da canção faz menção o papel da FRELIMO enquanto movimento libertador do país do jugo colonial português. Sendo uma canção que descreve um pouco da situação do povo moçambicano durante o período da dominação colonial era importante que fosse mantida, no seio da instituição militar, fazendo parte da educação patriótica, pois lembra a coragem, a dedicação e o esforço dos moçambicanos para a sua libertação. Para a manutenção desta canção teve que se substituir a passagem que faz menção a FRELIMO por Forças Armadas.

*“Que belo és tu Moçambique
Com a tua longa história dos 500 anos de
sofrimento hoje ganhaste a vitória.
Viva a FRELIMO
Viva Moçambique independente
Pai herói da vitória
A nossa bela bandeira representante de todo a
história do passado, do futuro e do progresso do
país.
Viva a Frelimo viva Moçambique independente.”*

Cantar entre os cadetes da AM constitui, hoje, um desafio, pois não basta elaborar uma canção. É preciso analisar se a sua letra não entra em contradição com o apartidarismo das FADM. Cantando, os cadetes / militares das FADM valorizam o esforço de todos aqueles que ao longo da história de Moçambique deram as suas vidas pela causa nacional que consistiu na expulsão dos colonialistas portugueses, dos regimes minoritários da África Austral e na defesa da soberania.

7. Considerações finais

As canções são a radiografia da sociedade, a expressão das aspirações de um povo, das suas angústias e dos desafios por realizar. As canções têm imensas potencialidades de mobilização, convencendo mulheres e homens a abraçarem projectos e realizar sonhos que, de outro modo, não seriam possíveis.

As canções apresentam uma multiplicidade de vantagens: transmitem a mensagem, emocionam, contagiam, mobilizam, corrigem sem provocar mágoa, desfazem o desespero e

as incertezas, penetram facilmente, nas mentes e nos corações dos seus destinatários.

As canções, tanto podem denunciar os males, como podem fazer apelos ao conformismo de um povo com uma realidade positiva. O colonialismo era um mal que devia ser erradicado de Moçambique, o que exigia unidade nacional, coragem e a disponibilidade para consentir sacrifícios, incluindo a perda da própria vida. Na luta de libertação nacional assim como durante a guerra dos 16 anos houve engajamento, hesitação, medo, traição, deserção e infiltração. Tudo isto constituiu objectivo das canções revolucionárias.

Se, nos momentos mais difíceis, as canções revolucionárias desempenharam um grande papel de mobilização, em várias formas, hoje, devidamente contextualizadas, adaptadas, às circunstâncias concretas, podem resgatar os valores que constituem os pilares da moçambicanidade, tais como a Unidade Nacional, o patriotismo, a autoestima, o espírito de corpo, a coragem, o amor ao trabalho, à solidariedade de moçambicano para moçambicano e para com os outros povos e com toda lógica contra as forças terroristas que desde 2017 estavam a desestabilizar o país a partir do Norte de Moçambique, concretamente nos distritos do centro e do norte da província de Cabo Delgado.

Moçambique sendo um mosaico etno-cultural, as canções podem contribuir para o reforço da unidade na diversidade, condição *sine quo* para a realização dos imensos desafios que a pátria coloca. Ao se evocar o contributo das canções revolucionárias, não se pretende transformá-las em panaceia¹⁷ nem dá-las a primazia na Educação Cívico-Patriótica. Pretende-se, sim, diversificar as propostas de soluções, sendo necessária a perícia de fazer opções na diversidade de métodos, técnicas e formas de realização de Educação Cívico-Patriótica.

A tradução das canções revolucionárias pode contribuir para alargar a compreensão,

¹⁷ Remédio para todos os males



contribuindo para a disseminação das mensagens mobilizativas. A organização, a estruturação e a reestruturação da área de Educação Cívico-Patriótica, aproveitando as experiências positivas e de utilidade actual nas FADM, podem contribuir para o resgate da identidade do povo moçambicano.

Em todas as épocas, as sociedades foram inventoras ou produtoras de canções e poemas. Depender apenas das canções revolucionárias pode matar a criatividade e estimular a estagnação inventiva. Para reverter a situação, as unidades das FADM, através do sector de Educação Cívica-Patriótica, podem promover concursos e atribuir alguns prémios aos proponentes de melhores canções que adequam aos novos desafios do povo moçambicano e das Forças Armadas de Defesa de Moçambique em particular.

A realização do IV Festival Desportivo e Cultural das FADM, em 2013, na cidade de Chimoio, de 21 -25 de Setembro constitui um facto histórico que marcou o reencontro com o passado cultural da instituição militar, uma vez que os militares cantaram, dançaram, exibiram teatros e declamaram poemas num evento coroado pela presença da população civil daquela cidade e talvez de outros pontos província de Manica e de todo país.

Na AM, as actividades culturais simbolizadas pelos cantos corais, danças e outras manifestações estão impulsionando a moçambicanidade resgatando os mais altos valores da pátria, apesar da ruptura registada desde 1994, ano da fusão das FAM/FPLM com os guerrilheiros da Renamo nascendo as actuais FADM.

8. Referências

- Academia das Ciências de Lisboa. (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa, Portugal: ACL.
- Alves, Amanda Palomo. (2013). Angola: musicalidade, política e anticolonialismo (1950 - 1980). *Revista Tempo e Argumento*, 10, 373-396.

- (Doi.org/10.5965/2175180305102013373).
- Cabaço, José Luís de Oliveira. *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Antropologia. São Paulo, USP, 2007.
- Carlan, Claudio Umpierre (2008). As invasões germânicas e o império romano: conflitos e identidades no baixo império. *História: Questões & Debates*, Curitiba, 48/49, 137-146.
- Castro, Paulo César de. (2012). Força Armada. *Revista do Clube Militar*, 444. s.p.
- Decreto Nº 41/2011, de 2 de Setembro de 2011, que aprova a Estrutura Orgânica das Forças Armadas de Defesa de Moçambique.
- Figueiredo, Cândido. (1913). *Novo dicionário da língua portuguesa*. ([Http://dicionario-aberto.net/dict.pdf](http://dicionario-aberto.net/dict.pdf)).
- FRELIMO (s/d). *Poesia de Combate*. Maputo, S/Ed.
- Guerra, Elaine Linhares de Assis (2014). *Manual pesquisa qualitativa*. Anima Educação, Belo Horizonte.
- Guilard, Ludmylla Cristina & Costa, Leon Dinis (2018). As canções militares como instrumento didáctico para o treinamento e formação profissional de policiais na Polícia Militar do Estado de Goiás. *Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública*, 1, 164-171.
- Japiassú, Helton, & Marcondes, Danilo. (2001). *Dicionário básico de filosofia* (3^a ed.). Rio de Janeiro, Brasil: TupyKurumin.
- Ki-Zerbo, Joseph. (1972). *História da África negra* (2^a.ed.). Paris, França: Europa-América, Ltda.
- Lima, Manolita Correia (2008). Monografia: a engenharia da produção acadêmica. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva
- Mataruca, Francisco Zacarias (2011). *Importância dos valores culturais no desenvolvimento das Forças Armadas de Moçambique*. Trabalho individual do curso de promoção a oficial general. Instituto de Estudos Superiores Militares, Lisboa, Portugal.



- Mattoso, António., & Henriques, António. (1973). *História geral e pátria: Antiguidade e Idade Média*. Lisboa, Portugal: Livraria Sá da Costa Editora.
- Matusse, Renato. *Captura do quartel de Omar: ou o anúncio do fim do princípio de colonização para a vida em Moçambique*. Maputo: Académica, 2015.
- Mazula, Brazão (1995). *Educação, cultura e ideologia em Moçambique 1975 – 1985*. Santa Maria da Feira, Afrontamento/ Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa.
- Milazzo, Bernardo Luiz Martins. (2009). *A construção da fronteira étnica no processo de romanização da Britânia romana: os casos de resistência de Carataco e Boudica durante o século I d.C.* Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Fluminense. Niterói, Brasil.
- Ministério de Defesa Nacional. (2009). *Educação cívico-patriótica e moral das Forças Armadas de Defesa de Moçambique*. Maputo.